

A GALEOTA FOI CONSTRUÍDA COMO REVANCHE DOS OPERÁRIOS DO MAR

Texto de Hildegardes Viana.

A procissão marítima e outros atos

As 10 horas de amanhã, no Cais Calrú, o Bom Jesus dos Navegantes, que será conduzido, hoje, às 4 da tarde, para a Basílica da Conceição da Praia, embarcará de volta à sua Igreja, na bela e antiga galeota construída especialmente para a procissão, que, como todos os anos, irá até o Farol da Barra antes de se dirigir à Boa Viagem.

Esta noite, às 9 e meia, realizar-se-ão na Igreja da Boa Viagem as últimas cerimônias do tríduo preparatório, após as quais, na Praça Dr. Adriano Gordilho, antigo largo da Boa Viagem, haverá refreia para o povo, com música, quermesses, etc.

Amanhã, depois da tradicional procissão marítima, será celebrada, na Igreja da Boa Viagem, às 12 horas, missa solene, e, à tarde, às 16 horas, uma procissão pela Avenida Luiz Tarquínio, Roma e rua Barão de Cotegipe, conduzindo as imagens do Senhor dos Navegantes e de N. S. ds Boa Viagem, depois do que, na Igreja, se efetuará o oferecimento do Santíssimo.

Na crônica que se lê ao lado, a escritora Hildegardes Viana conta aos leitores da A TARDE a história da galeota do padroeiro dos homens do mar.



O Senhor dos Navegantes na bela galeota que lhe ofereceram os trabalhadores marítimos e na qual amanhã mais uma vez percorrerá a Baía de Todos os Santos

Nos tempos do Império o embarque e desembarque eram realizados nas docas do Arsenal de Marinha, bem próximo à igreja da Conceição da Praia. O inspetor do estabelecimento, todos os anos, cedia um baval para a imagem ser transportada. Com a proclamação da república tudo parecia continuar como antes. Manuel Vitorino deu ordens ao inspetor citado para que cedesse o escalor de costume para a procissão. E assim foi feito.

Com o decreto separando a igreja do Estado seria ainda possível que o escalor continuasse a ser cedido, porque segundo a opinião do mesmo Manuel Vitorino, em ocasião semelhante, o ato oficial não devia ser interpretado como inimizade ou hostilidade à religião, nem envolvia proibição para que todos os que quizessem assistir uma cerimônia religiosa se sentissem inibidos porque usavam um uniforme.

Porém no ano de 1891, o inspetor, alegando a separação da igreja do Estado, negou terminantemente a cessão do escalor, achando também que não devia permitir o embarque e desembarque nas docas do Arsenal. Isto chocou profundamente a opinião pública.

No dia 31, ao anoitecer, quando a imagem desembarcou no Cais São João cerca de duas mil pessoas apertavam-se em espaço escuro, dando vivas ao Senhor dos Navegantes. Havia iluminação por toda a parte. Ao passar o cortejo pela rua do Arsenal juntou-se a grande multidão grande número de marinheiros e embarcadores, com lanternas, archotes, etc. Não houve a costumeira desordem, tal o entusiasmo, tal a contrição dos fiéis.

No dia seguinte a imagem foi

em vistoso escalor particular, rebocado pela bonita lanchar vapor da Saúde do Porto, levada em procissão acompanhada por muito escaleres tripulados por marinheiros nacionais. Os navios estrangeiros e nacionais saudaram com pequenos tiros e tremelaram bandeiras multicores.

Foi quando sovietistas e carpinteiros reuniram-se aos oleajates, capatazes de todas as estações do porto, e mais os remadores, congregaram-se para estudar um plano que resultasse na construção de uma galeota para uso exclusivo do Senhor dos Navegantes, evitando assim futuras recusas por parte do Estado. Distribuíram-se listas e doativos não faltaram. O carpinteiro Manuel Dias e alguns companheiros iniciaram gratuitamente a construção da riquíssima galeota — uma obra de belo porte, finamente trabalhada com frisos de ouro, guarnecida de tapetes e ornada de anjos.

No dia 27 de dezembro de 1891, não obstante a chuva torrencial, verdadeira multidão ocorreu para assistir a benção e saída ao mar do barco recém-construído. No dia 1 de janeiro pela primeira vez o Senhor dos Navegantes atravessou a Baía de Todos os Santos na galeota que até hoje resiste em todo o seu esplendor. E enquanto teve vida e saúde, Manuel Dias todos os anos, vestido a caráter apresentava-se com a sua equipe

para guardar a embarcação que construíra para o santo que todos os marítimos veneravam.

Não sei se é lenda ou se foi verdade, mas dizem que no ano de 1892 a escalor do governo, sem se saber como, desapareceu, afundada não se sabe por quem. Devido de Deus, afirmam os daqueles tempos.

E todos os anos no dia 1 de janeiro, a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes desliza em sua galeota pelas águas da Baía de Todos os Santos, numa afirmação aos que nele confiam, que a nossa terra será sempre abençoada e que para todos nós sempre haverá um Ano Bom.

Todos os anos no dia de Ano Bom a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes vai levada em procissão pela Baía de Todos os Santos. Há muita joguetaria, muito fervor, muita alegria. É uma festa de beleza rara.

É difícil determinar há quanto tempo se faz esse cortejo marítimo. No tempo de Jaboatão, ao que se supõe ainda não era feito. Diz Silva Campos que se havia a procissão por essa época devia ser modesta, sem maiores repercussões, pois inexistia qualquer referência em O Novo Orbe. Apenas a tradição conta que foi instituída pelos que trabalhavam nos navios que trafegavam da Costa d'África para o nosso porto.

A festa rege-se por costumes. Na véspera o Santo vem para a matriz da Conceição da Praia, no outro lado da baía, de onde sai na manhã seguinte para, entre vivas e música, ser embarcada no escalor que a levará de volta para a Boa Viagem. Vem gente de longe, de outras terras, atraída pela beleza do espetáculo. A imagem que possui uma bela verônica, braços abertos na cruz de prata banhada pelo sol da manhã alta, arrebatada e emocionada.